

CASTELLO DE GUIMARÃES

Director—Gabriel d'Almeida Maia

SEMANARIO INDEPENDENTE

REDACTOR E ADMINISTRADOR—José Joaquim Gomes da Silva Couto

EDITOR—Luiz Ribeiro de Faria

Propriedade da empresa do *Castello de Guimarães* | Redacção e administração, Rua de Santa Maria, 68 — Guimarães

Composto e impresso na *Typographia dos «Echos do Minho»* — BRAGA

PREÇO DE ASSIGNATURA (pagamento adiantado)—Por anno, 950 réis; no Brazil, 14800 réis.
ANNUNCIOS—Por linha, 20 réis; repetição, 10 réis; permanente, contracto especial.

A destruição de Lovaina

Eis como os padres dominicanos de Lovaina, que se refugiaram em Colonia, contam como se levou a cabo a destruição d'esta importante cidade belga:

«Depois da entrada dos allemães em Lovaina, o governo belga publicou uma allocução dirigida aos habitantes da cidade, conjurando-os a que tivessem calma e não disparassem contra os soldados allemães, porque do contrario se expunham a ser tratados com severidade.

Ordenou-se ao clero que esta allocução fosse lida nas igrejas e se recomendasse ao publico o seu cumprimento. Assim se fez no dia 23 de agosto.

Os allemães haviam tomado como precaução alguns refens, que em vista de se achar tranquilla a população de Lovaina, foram postos em liberdade ao anoitecer do dia 24.

No dia seguinte foi de novo lida a mesma allocução nas igrejas, recomendando ao povo que procedesse com a maior calma e tranquillidade.

Pela tarde deste mesmo dia, 25 de agosto, chegaram a Lovaina novas tropas allemãs, que se foram alojando nas casas da cidade, do mesmo modo por que antes se tinham alojado os primeiros soldados de occupação, que á chegada d'estes reforços foram destinados a outro ponto.

D'ahi a pouco se propalou na cidade a noticia de que inglezes e francezes se acercavam da cidade por dois lados differentes e immediatamente se ouviram tiros de armas e de canhões.

Então começaram a disparar-se de varias casas alguns tiros contra os soldados allemães, ocasionando que estes fossem chamados ás armas ás 7 e meia da noite.

Os habitantes, longe de cessarem o fogo, cobraram alento no ataque, respondendo-lhes as tropas com fogo de armas e de metralhadoras.

Os combates parciais duraram quasi toda a noite e durante ella se incen-

diaram alguns edificios, sobre tudo na rua da Estação.

A grande igreja de S. Pedro, na qual se encontravam armas, foi tiroteada, assim como os que se abeiravam das janellas fazendo fogo contra os allemães.

Estes colheram novos refens, que foram levados para a Camara. Entre elles estavam o vice-reitor da Universidade Catholica, o Superior dos dominicanos e outros dois sacerdotes.

Desde a camara levaram estes refens, custodiados militarmente, pelas ruas da cidade, para que recommendassem aos habitantes, em francez e em flamengo, das esquinas das ruas, calma e prudencia.

Isto durou toda a noite d'aquelle dia até ás 4 da manhã do dia seguinte.

Apezar d'isso, os tiros continuaram das casas; os soldados respondiam e os incendios repetiam-se.

No dia 26 ao meio dia foram levados de novo os refens pelas ruas, annunciando que seriam fuzilados todos os habitantes que não cessassem na resistencia; mas tudo foi inutil, das casas continuava o tiroteio e disparavam contra os proprios soldados que custodiavam os refens.

Durante toda a noite do dia 26 continuou este estado de guerra. No Boulevard augmentava o numero das casas incendiadas.

No dia 27, ás nove e meia da manhã, um official allemão, acompanhando de alguns soldados, apresentou-se no convento, rogando aos padres que fizessem por toda a parte notorio que a cidade ia ser bombardeada, aconselhando a todos os seus habitantes que deixassem tudo como estava e buscassem refugio na estação do caminho de ferro.

Pouco depois começava o bombardeamento da cidade.

Os dominicanos reuniram-se na estação, a onde haviam já levado os feridos belgas e allemães, que estavam no convento, por se ter installado alli um hospital de sangue da Cruz Vermelha, o qual se

trasladou para as salas de espera da estação.

Os padres dominicanos pediram licença e partiram para Colonia ás 2 horas da tarde.

Ao sahir viram arder varios edificios e entre elles a *Universidade e a Bibliotheca.*

A VISÃO

Era o dia mais garrido do quinto mez, que findava: que é feito da pastorinha, que no prado não andava?

No mesmo sitio o rebanho a fôfa relva tosava; mas, em vez da pegureira, outro zagal o guardava.

Inda com as mesmas flores o prado se marchetava; mas ninguem com mão de neve na grinalda as enlaçava.

O bando das mesmas aves no mesmo ramo cantava; porém que é da pastorinha, que no prado não andava?...

Deram horas de me' dia: a calma ao sol abrasava; buscou a sombra e o rebanho dos choupos, que o rio lava.

Frei João—um santo frade—acaso por'li passava: alvejam flocos de neve sobre o burel que trajava.

Poisa o bordão e a sacola, limpa o suor, que suava; depois, com agua do rio, um pão de esmola jantava:

depois, á sombra encostado, formosa sêsta tomava. O companheiro ao pé d'elle no breviario resava.

Mas breve... em breve o bom velho co'os anjinhos conversava; e sorria... ai! que sorrisos! ai! que sonhos, que sonhava!

Vestida toda de aurora, que a palma no dia levava, celeste Dôna encantada descia na serra brava.

Traz divina companhia, que como estrellas brilhava: disseris moita de lrios, que pela serra abroilhava...

E a Dôna vai caminhando sobre rosas, que pisava; sobe empinada ladeira e em choça colmada entrava...

Acorda o velho assombrado, e o sonho logo contava; o outro ouvia-o attento, e se benzia e pasmava...

Mas a loira pastorinha quem diria onde parava? No mesmo sitio o rebanho, mas ella não n'o pastava;

as mesmas flores no prado, mas ella não n'as cortava... Misterio!... que pelos ares cantar estranho soava:

«Lindas flores tinha o prado, lindas flores, que elle dava: dizia a rosa:—colhei-me!—colhei-me!—ô lrio bradava...»

G. F.

As indemnizações de guerra

Dizem os preconceitos que existem em politica e que tambem se reflectem no espirito publico, que as indemnizações de guerra que os vencidos são, em geral, forçados a pagar aos vencedores, fazem com que estes venham a ressarcir as grandes despezas feitas durante a campanha, amealhando até uma boa parte da indemnisação para futuras eventualidades.

Não foi, porém, isso o que succedeu, após a guerra de 1870-1871, com a Allemanha. Esta recebera da França vencida uma indemnisação de cinco mil milhões de francos, ou, em dinheiro portuguez, 900 mil contos. Esta importante quantia serviu, na verdade, para a Allemanha cicatrizar muita ferida aberta pela guerra; mas veio, por outro lado, demonstrar que as despezas effectuadas foram taes, que ao vencedor não foi possível tirar vantagens permanentes, sob o ponto de vista economico e social.

Quando se trata de potencias industriaes, como a Inglaterra e a Allemanha, onde a vida economica e a alimentação da vida operaria exigem que o estrangeiro esteja sempre disposto a comprar os artigos que fabricam, qualquer indemnisação de guerra, que limite as compras no estrangeiro, tem inevitavel repercussão no paiz que a impo-

«Póde dizer-se, affirma um publicista, que o custo da guerra franco-allemão pesa mais sobre a Europa e sobre a propria Allemanha, do que sobre a França e isto por causa dos encargos esmagadores do militarismo e da situação politica geral que a guerra creou, ou antes aggravou.»

Mas não é só isto. Bismarck, em um discurso que pronunciou no Reichstag em 1879, disse:

«Vem a França supportando melhor as difficuldades da situação commercial actual do que nós; o seu orçamento augmentou mais um bilião de francos, o que nos revela pos-

suir mais recursos do que a Allemanha e que soffre com mais paciencia a dureza dos tempos do que nós.»

O mesmo chanceller de ferro, dois annos mais tarde, em novembro de 1881, baseando-se nas mesmas ideias, discursava:

«Foi em 1877 que pela primeira vez me impressionou a penuria geral e crescente da Allemanha, comparada com a França. Assisti á diminuição do bem-estar geral; vi peorar as condições geraes dos operarios, cahindo o commercio, em geral, em má situação.»

Effectivamente, assim era. Não se tratava de hyperboles oratorias, mas de factos verdadeiros. Bismarck não alterava em nada a situação em que se encontrava o seu paiz. O compilador dos discursos do grande chanceller, commentando aquellas palavras, explica-as assim:

«O commercio e a industria estavam em miserias condições, havendo milhares de operarios sem trabalho, tomando a crise, durante o inverno de 1876-1877, proporções enormes.»

Compreende-se, pois, que a enorme indemnisação paga pela França em nada contribuisse para a riqueza publica allemã. Se, mais tardé, a industria e o commercio allemães tomaram as proporções que tinham antes da guerra, foi isso devido, não ao dinheiro do inimigo, mas ao trabalho nacional.

Por conseguinte, as indemnizações de guerra poderão servir para esmagar momentaneamente os povos sobre que recahem; mas nunca para o vencedor tirar grandes vantagens.

Não falta, é certo, quem tire conclusões contrarias; mas a verdade é que os factos provam peremptoriamente que o proveito de uma indemnisação de guerra é nullo para o vencedor.

O professor allemão Biermer chega a conclusão identica.

No emtanto, ha preconceitos politicos de tal modo arraigados, que não são facéis de extirpar; e este das indemnizações de guerra é um d'elles. Não vemos a Allemanha impondo pesadas contribuições ás cidades belgas de que se apoderou?

O Evangelho

O amor de Deus

Pleno outomno. Quadra da abundancia e da melancolia, das vindimas e da queda das folhas. Canta o lavrador, ao ver as tulhas cheias de pão, e as adegas com vinho; gemem as arvores ao despirem-se da folhagem que as opulentava, preparando-se tristemente para o grande somno do inverno...

N'aquella linda tarde dos fins de setembro, descansavam os nossos amigos á sombra protectora da casa.

Luiza, como de costume, lia e explicava o Evangelho.

«Uma vez, approximam-se os phariseus de Jesus, e um d'elles, que era doutor da lei, tentando-o, lhe perguntou:

—Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

Jesus lhe disse:

—Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

Este é o maximo e o primeiro mandamento. E o segundo semelhante a este é:

Amarás o teu proximo, como a ti mesmo.

D'estes dois mandamentos depende toda a lei e os prophetas.

E estando juntos os phariseus, lhes fez Jesus esta pergunta:

—Que vos parece a vós do Christo? De quem é elle filho?

Responderam-lhe:

—De David.

Jesus lhes replicou:

—Pois como lhe chama David em espirito (isto é, fallando pelo Espirito de Deus) Senhor, dizendo: «disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te á minha mão direita até que eu reduza os teus inimigos a servirem de escabello a teus pés»? Se pois David o chama o seu Senhor, como é elle seu filho?

E não houve quem lhe podesse responder uma só palavra; d'aquelle dia em diante, ninguem mais ousou fazer-lhe perguntas.»

Fechando a Biblia, Luiza continou: —Analisemos estas palavras: «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.»

E' este o ponto essencial da religião; toda a nossa perfeição está n'este preceito. O amor de Deus, ou a caridade, é uma virtude sobrenatural que nos faz amar a Deus em si mesmo, acima de todas as coisas, por causa da sua infinita bondade.

A caridade é a rainha, sem duvida, e a mais excellente de todas as virtudes, porque nos une a Deus; aperfeiçoa todas as demais virtudes, anima-as, vivifica-as, torna-as meritorias deante de Deus; um copo d'agua fria dada pelo amor de Deus, faz merecer o ceu.

São tres os motivos d'este amor: Deus preceitou-o formal e precisamente; é o principio, o fim e o resumo de todos os outros preceitos; obriga em todas as idades, em todos os logares, por todos os seculos, eternamente; é o maior amor, pelo seu objecto, que é Deus; pelo seu fim, que é a gloria de Deus e a felicidade das creaturas; pelo rigor da sua obrigação, que a ninguem excusa ou dispensa; enfim, é um preceito doce e facil, correspondendo a uma necessidade do nosso coração.

Deus merece que o amemos, por causa das suas perfeições infinitas; é soberanamente bom, bello, sabio, grande, poderoso, justo, santo... As perfeições que as creaturas podem possuir, de Deus lhes vem, são como que um reflexo das suas perfeições divinas, que nos devia levantar até Elle; que coisa ridicula, amar o espelho, e não o ser divino representado!...

Devemos amar a Deus por causa dos beneficios sem numero com que nos accumula; amor de reconhecimento; não lhe devemos o beneficio da criação, da conservação, da redempção, da sanctificação e da glorificação?

Tudo isto não será motivo sufficiente para encher o nosso coração de amor para com Deus? Amemos, portanto, a

Deus com toda a nossa alma; não nos esqueçamos de lhe pedir que dia a dia allumie e augmente o seu santo amor no nosso coração.

Pelo extracto

DINIZ SERRANO.

Prece

Ha n'este nome divinal—Maria—
D'eolia lyra harmonioso harpejo,
Onde s'escuta a perennal magia
D'amor materno a ciclar n'um beijo.

Virgínio côro aureoral, suave,
Gemer de brisa n'uma tarde amena,
A melodia d'um gorgeio d'ave,
Voz crystallina, matinal, serena.

Sorriso d'anjos em gentil concerto,
Harpa gemente d'um tropeiro exul,
Oasis fresco n'um fatal deserto,
Ceu constellado de setim azul.

Mystico enlevo, sonoro canto
D'uma alvorada em purpurina luz,
Meiga açucena, cujo doce encanto
Tem, por herança maternal, Jesus.

Casta rainha que sorris formosa,
Pela ternura que nos olhos tens,
As criancinhas protegei bondosa,
Virgem Maria, protegei as mães!

ERVEIZA.

PORQUE LHES DÓE...

Querem saber porque dóe a certa gente a attitude nobilissima de Ramalho Ortigão, o glorioso critico d'«As Farpas», o escriptor portuguezissimo d'«A Hollanda»?

Leiam este bello trecho da sua soberba prosa, cheia de bom senso:

«Atolados ha mais d'um seculo no mais funesto dos illogismos politicos, esquecemo-nos de que a unidade nacional, a harmonia, a paz, a felicidade e a força de um povo não tem por base senão o rigoroso e exacto cumprimento colectivo dos deveres de cidadãos perante a inviolabilidade sagrada da familia, que é a célula da sociedade; perante o culto da religião, que é a alma ancestral da comunidade; e perante o culto da bandeira, que é o symbolo da honra e da integridade da patria.

«Em pleno seculo XX muito depois de inteiramente refutada pela moderna critica historica a supersticiosa lenda da revolução franceza, revolucionamo-nos nós para o fim de abolir todos esses velhos deveres e de adoptar como um evangelho novo a estafada, ensanguentada e enlameada declaração dos direitos do homem, como se á fragil e ephemera creatura humana fosse licito invocar qualquer especie de direitos perante as leis inexoraveis e eternas que implacavelmente regem toda a ordem universal!»

E' por estas e por outras semelhantes que Ramalho Ortigão passa por... não saber escrever!!!

Lembra-me o caso do lavrador, habituado só á caninha verde, exclamar desapontado ao ouvir executar um bello trecho de opera: «—Não presta! Ninguem entende aquillo! Não sabem tocar nada!»

E a razão é porque cada um é para o que nasce...

D. S.

CALENDARIO

Setembro

CONSAGRADO ÁS DÓRES DE N. SENHORA

Dia 27, Domingo.—S. João Marcos, Bispo, martyr. Os Santos Cosma e Damião, irmãos, martyres. S. Elzário.

A mortificação é inseparavel da vida christã; busca um só Santo que não sobressaia n'esta virtude; não o encontrarás.

Dia 28, SEGUNDA-FEIRA.—S. Salomão, Arcebispo de Braga. S. Wenceslau, duque de Bohemia, martyr.

Não digamos já que a mortificação é boa para os Santos; se alguns deveriam considerar-se dispensados de a praticar, seriam as almas innocentes e puras.

Dia 29, TERÇA-FEIRA.—S. Miguel Archânjo.

Feira em Basto e em Villa Nova de Famalicão.

Os amigos de Deus são de ordinario os mais mortificados; mas quem terá maior necessidade de mortificar-se que os peccadores?

Dia 30, QUARTA-FEIRA.—S. Jeronymo, presbytero e Doutor da Igreja. Santa Sophia, mãe das Santas Fé, Esperança e Caridade.

A mortificação é legitima e o patrimonio dos christãos, que é a virtude que caracteriza todos os escolhidos de Deus. Forceja porque d'aqui em diante seja tambem a tua.

Outubro

CONSAGRADO A N. SENHORA DO ROZARIO

Durante o mez diminuem os dias 1 hora e 16 minutos.

Nota.—Começa o mez do Rozario, obrigatorio nas Cathedraes, egrejas conventuaes e parochiaes. Em favor dos fiéis occupados nos trabalhos agricolas, permite Sua Santidade se transfira com as mesmas indulgencias para novembro ou dezembro.

Modo de fazer o mez do Rozario

Recitar, pela manhã durante a missa ou á tarde deante do Santissimo Sacramento exposto, todos os dias, desde um de outubro a dois de novembro, pelo menos o terço do Rozario, a Ladainha de Nossa Senhora e a oração a S. José—«A vós recorreremos, Bemaventurado S. José...»

Indulgencias: 7 annos e 7 quarentenas.—Cada vez que se assiste, orando pelas intenções do Summo Pontifice, 7 annos e 7 quarentenas.—Cada vez que, durante este periodo, se recite em seguida ao Terço e á Ladainha a oração de S. José. Plenaria.—Em dia á escolha, depois da oitava do Rozario, 14 de outubro, assistindo pelo menos 10 vezes á recitação publica do Terço. Os legitimamente impedidos de assistir á recitação publica das orações indicadas, lucraram as mesmas indulgencias recitando-as em particular.

Dia 1, QUINTA-FEIRA.—S. Remigio, Bispo. S. Verissimo e as Santas Maxima e Julia, suas irmãs, martyres.

Começa a novena de S. Francisco de Borja.

Nasce o sol ás 6 h. e 31 m.; occaso ás 6 h. e 16 m.

Parece que basta ser pessoa qualificada, hoje em dia, para se considerar dispensada de jejuar e comer de magro; esta obrigação deixa-se para os religiosos ou para a gente do povo. Não sigas o erro; abuso é este que deve sobresaltar todo o animo christão.

Dia 2, SEXTA-FEIRA.—Os Anjos da Guarda.—S. Gervasio, confessor, portuguez. S. Theophilo, monge e martyr.

Exercicios do Sagrado Coração de Jesus em varios templos.

Acostuma-te á mortificação interior de tuas paixões, inclinações, genio e costumes: n'este particular não ha dispensas.

Dia 3, SABBADO.—S. Candido, martyr. S. Geraldo, abbae.

São sempre mui convenientes as penitencias do corpo; consulta com um prudente confessor as que te são mais proporcionadas, e não te descuides em pratical-as, advertindo que são remedios e são preservativos.

D. S.

FLORES ESPARSAS

Entre o ruido dos prazeres e as seduccões do fausto e das grandezas da terra, os sentimentos mais generosos e elevados do coração humano, regra geral, só pela sua ausencia se evidenciam.

MADRESILVA.

A Maçonaria portugueza

Para edificação das gentes, que ainda ingenuamente acreditem na benemerencia e valor da Maçonaria, esse cancro social, reproduzimos para aqui o juizo que da ceita maldita traçou um grupo de maçons de Coimbra, e por elles atirado para o mundo profano, que vale mais que tudo quanto poderíamos escrever.

Depois de mostrarem quanto era diminuto o numero de maçons activos, referem-se assim á nullidade do seu valor intellectual:

«Isto pelo que respeita á quantidade, mas não que toca á qualidade, a inferioridade da Maçonaria é então pavorosa. No Grande Oriente Lusitano Unido os maçons advogados não chegam a duas duzias; medicos não excedem meio cento; professores de cursos superiores não passam de quatro ou cinco; magistrados, zero; homens diplomados não attingem dois centos. O que lá predomina é o elemento commercial, mas o baixo commercio, o caixeiro—especialmente em Lisboa.

A synthese d'esta execução é brutal mas verdadeira.

Que é, portanto, a Maçonaria intellectual e scientificamente?

«E' nada!»

«E' um bando de ignorantes atrevidos e de cretinos com prosapias.

A sua fama tem sido unicamente baseada na fraude, na intrujice, no segredo, no mysterio. A sua força é a da intriga e da cilada.

E' por isso que, com propriedade, se chama aos maçons do Grande Oriente Lusitano Unido—«os souteneurs do mysterio. Vivem de explorar o mysterio e a fraude, vivem da esroquerie, da burla e da chantage.»

A Maçonaria em Portugal deixaria, portanto, de existir se deixasse de ser uma associação secreta. E morreria pela troca, cahiria logo pelo ridiculo na tremenda impotencia dos degenerados e na irrisoria cobardia dos fracos.

Quem até hoje tem dado alguma importancia á Maçonaria Portugueza tem sido a reacção, o elemento clerical, com os seus ataques, sempre mal dirigidos e sem auctoridade, por serem sectarios.

Estes inimigos tem-lhe dado uma importancia que ella não tem; tem sido tão phantasiados no seu combate que, em vez de a amiquilarem, o que era facil, lhe tem creado uma aureola tuzaz de valor e de força que ella, entre nós, nunca possuiu, despertando ao mesmo tempo em seu favor a sympathia das victimas.

Ora, a Maçonaria só é considerada victima porque o inimigo clerical a tem combatido sem conhecimento de causa, sem lhe conhecer os verdadeiros pôdres, «sem documentar as accusações» e sempre sob um ponto de vista falso,—por ella ser avançada, o que é um erro palmar.

Não é bem assim, mas algo ha que aproveitar d'esta asserção. E lá vae o bouquet final.

Ella enche a bocca com a *Fraternidade* e persegue, diffama, calumnia e intriga os seus proprios adeptos e suas familias. Isto fica atraz provado.

Ella enche a bocca com a *Egualdade* e admite no seu proprio seio uma *hierarchia pavorosa e theatral de graus, desde um até trinta e tres*. E' um regimen odioso de castas com privilegios ridiculos, absurdos e revoltantes.

Ella enche a bocca com a *Liberdade*, mas obriga os adeptos a juramentos de um terrivel grotesco, por exemplo o do grau de aprendiz, que termina: «consinto, se eu revelar os segredos da Ordem, que o pescoço me seja cortado e a minha memoria fique em execração.

Trêtas. Chuchadeiras.

Ella préga contra os preconceitos, mas os seus socios andam lá cheios de fitas e de penduricalhos; chamam-se cavalleiros, principes, soberanos, o diabo.

Ella é livre pensadora, diz a sua «Constituição», artigo 3.º, mas admite o *Supremo Architecto*, o santo nome de Deus, o juramento sobre a Biblia, o incenso, o altar, a oração, a... abobora!

ARGUS.

O Papa pela paz

Letras encyclicas de Sua Santidade a todos os Prelados do mundo.

Logo que Nós fomos elevados á Cathedra de S. Pedro, profundamente convencido da Nossa Insufficiencia para ministerio tão excelso, adoramos humilde e reverentemente o secreto designio da Divina Providencia, e quem aprouve levantar Nossa baixeza a dignidade tão sublime. Se, ainda sentindo-nos desprovidos das qualidades necessarias, accotamos a administração do Soberano Pontificado, fizemos-o apoiando-nos confiadamente na Bondade de Deus, persuadidos de que não nos faltará a força e assistencia opportunas d'Aquelle que nos revestiu de tão alta dignidade.

O nosso primeiro olhar que sobre o rebanho do Senhor a Nós confiado, lançamos desde as alturas da Sé Apostolica, encheu a nossa alma de horror e tristeza ao contemplar essa guerra espantosa que devasta grande parte de Europa pelo ferro e pelo fogo e é enrubescida pelo sangue de tantos christãos.

E' com effeito, Jesus Christo, o Bom Pastor, cujo logar occupamos no governo da Igreja, quem nos confia as ovelhas e os cordeiros affim de que todos abraço d'uma só paternal caridade.

E já que a exemplo do nosso Divino Redemptor devemos estar promptos como realmente estamos a dar a nossa vida pela sua salvacao, estamos firme e resolutamente decididos a não menosprezar nenhum dos meios postos ao nosso alcance para acelerar o fim d'aquella tão funesta calamidade.

Por isso, antes de enviar a todos os Ordinarios a Carta Encyclica, segundo costume dos Pontifices Romanos ao começar o seu Apostolado, urge-nos repetir aquellas palavras do nosso predecessor Pio X, de santa immortal memoria, palavras que pozaram sobre os seus labios moribundos a sua sollicitude pastoral e o seu grande amor ao genero humano, ao retumbar pelo orbe a primeira explosão d'esta guerra terrivel.

Por estes motivos, enquanto Nós mesmos, com os olhos e os braços levantados para o céo, dirigiremos a Deus as nossas fervorosas supplicas, Nós exhortamos e conuramos todos os fieis da Igreja, principamente os que estão constituídos em dignidade ecclesiastica—como já o fez o nosso Venerado Predecessor, para que trabalhem incessantemente e acrescentem os seus esforços, ora na humildade das orações particulares, ora na solemnidade de publicas preces, pedindo a Deus, Arbitro e Senhor Supremo de todas as coisas, que se recorde de suas divinas misericordias e abandone de suas mãos o "açote da sua colera, com o qual castiga as iniquidades dos povos peccadores.

Digne-se assistir-nos e favorecer-nos em nossos unanimes desejos Maria, Mãe de Deus, cujo glorioso nascimento hoje celebramos, e que brillou sobre a cansada e triste estirpe humana como auro-ra de paz, Ella que tinha que ser Mãe d'Aquelle em que o Padre Eterno quiz reconciliar todas as coisas, pacificando por meio do seu sangue derramado sobre a Cruz tudo quanto está nos Céos e na Terra. (I. Coloss. I, 20).

No que se refere Aquelles que por sua dignidade e officio estão destinados a governar os povos, Nós lhes rogamos ardentemente e os conjuramos que façam ceder e desaparecer as causas dos seus proprios dissentimentos, unico modo de trabalhar a favor da salvacao da sociedade humana. Pensem elles e considerem detidamente as muitas misérias e calamidades que são inherentes a esta vida mortal; d'ahi verão a necessidade de não a fazer mais dura e trabalhosa. Porventura não amontoamos já demasiadas ruinas? Porventura não se derramou sufficiente sangue? Apressem-se a abraçar ideias de paz e acabem por dar um fraternal abraço. Alcançarão assim de Deus uma grande recompensa para as suas proprias pessoas e para os povos que lhes foram confiados, bem merecendo de toda a sociedade civil.

E finalmente, se assim fizerem, respondendo filialmente ao nosso rogo, nos darão grande prazer e realizarão o nosso mais ardente desejo, porquanto Nós começamos o nosso Pontificado semeado de graves difficuldades que tem a sua origem n'essa grande e consideravel perturbacao universal.

Dado no Palacio do Vaticano, aos 8 dias de setembro de 1914, festividade do glorioso nascimento da Virgem Maria.

BENTO XV, PAPA.

EXPECTÁCULOS

Aquele que se preza de ser cristão e o quer ser integro, precisa de se acutelar dos expectáculos publicos como dum foco de infecção. Ou sejam vistas cinematográficas ou representações teatrais ou exhibições acrobaticas, em tudo isso pode haver veneno e geralmente o costuma haver. Para que se assista a êses expectáculos, não vale a desculpa de que aí se vai por mera recreação, para passar tempo, sem maus intentos, e tambem porque os não ha mais honestos, aonde de preferencia se possa ir.

Como as empresas recreadoras não se prendem com escrúpulos e, primeiro que tudo, buscam o lucro, embora com grave dano dos expectadores, êstes, antes de se apresenta em no logar do espectáculo, precisam de averiguar cautelosamente se podem assistir sem perigo de perversão.

Sé uma fita cinematográfica ou uma scena de teatro, pô-to que em si mesmas sejam innocentes e até moralizadoras, podem contudo oferecer alguns inconvenientes pelas circunstancias concorrentes em que sam exhibidas, tais como o luxo sedutor, a sensualidade da música a, desenvoltura dos assistentes, quanto mais, se o assunto da fita ou da scena com todas as suas particularidades é próprio para excitar as paixões imundas, ou justificar os excessos mais vergonhosos?

O teatro hoje está tam corrompido que não ha crime, por atoz que seja, que nêle se não justifique nem vicio, ainda que dos mais repugnantes, que se não aliunde e enfeite como uma coisa feita. «O homicidio, como se expi me o eximto escritor falecido—Antonio Feliciano de Castilho, sustenta não ser menos que honrado brio, pundonor, desagravo, estima própria.

O adultério se defende como amor impetoso e filosofia profunda.

O roubo ou como sistêna que não reconhece o absurdo principio da propriedade, ou como justiça que aspira a emendar desigualdades da fortuna, ou como direito devido á superioridade dum talento indústrioso ou dum triço atrevido.»

Ora um cristão que se preza de ser e que o quer ser de verdade, não pode ver com olhos indifferentes, nem aprovar com a sua presença, tam inadmissiveis justificações.

Hoje que no teatro se pertende restaurar o espirito e os costumes pagãos, desenfriando sem tento nem pejo as mais baixas impulsões da carnalidade e glorificando os delictes sensuais como o termo da nossa felicidade, o cristão que leva trazer sempre no corpo a mortificação evangélica para ser casto, não pode transigir com uma tal tendência sem que ao menos praticamente renegue a sua promissão de fé e as promessas do seu baptismo.

E' no teatro que o mundo de que nos fala o evangelho e com o qual nunca nos devemos conformar, se apresenta numa atracção irresistivel com os seus vicios e seducções, com as suas vaidades e enganos.

Aquêles que, frequentando os expectáculos tais quais hoje se exibem em quasi toda a parte, desvôlto, lascivos, excitativos dos mais vis appetites, querem ainda ser considerados como christãos, tentam nem mais nem menos que realizar um impossivel que é con-

ceder Deus com Belial, a luz com as trevas, o bem com o mal.

Aleguem quantas desculpas quiserem, que bem ponderadas e las nenhuma vale e todas se encaminham, embora disfarçada e subtilmente, á satisfação da sensualidade.

Não vale a desculpa de que não ho expectáculos em melhores condições de moralidade; porque, se ha teatros imorais, é porque ha quem os sustente; e se os não ha que sejam innocentes ou pelo menos toleráveis, é porque o publico, de corrompido, os não quer. Tambem não serve de desculpa a posição ou classe que se occup na sociedade!

Não ha posição nem classe, que permita a uma pessoa meter-se voluntariamente numa occasião próxima de peccado, qual é a presença num espectáculo, onde os sentimentos do pudor, da modestia, da delidade conjugal, da piedade, da obediencia cristã sam ultrajados, vilipendiados, ridiculizados. Nem menos se pode admitir, por excusa um fim de caridade, que por ventura se tenha em vista com o produto da representação; porque é imoral a máxima de que os fins justificam os meios, nem a caridade se compadece com actos pecaminosos.

As pessoas que assistem a êses espectáculos próprios de lupanares, embora astuciosamente velados e preparados para mais facilmente engodar a sensualidade incorrem em muitas responsabilidades que um dia todas ham de ser minuciosamente apuradas, lá no supremo tribunal, onde a verdade se verá em toda a sua luz.

1.º) — Voluntariamente se pozeram no perigo de pecar, e, por mais que se justifiquem, frageis como eram muitas vezes pecaram por vistas, deleitações, desejos e lembranças impuras consentidas.

2.º) — Com o seu dinheiro contribuem poderosamente para sustentar uma empresa que, onde quer que chegue, eupalha em volta de si a peste da corrupção.

3.º) — Escandalisaram com a sua presença no teatro a todos aquelles que bem informados do espirito cristão não podem ver sem estianheza que os seus irmãos na fé não procedam em harmonia com ella.

4.º) — O dinheiro que tam mal empregaram numa recreação illicita, podia ser mais bem empregado em obras de piedade e caridade.

AFONSO.

O que vae por Guimarães

Nova Meza

A eleição da nova meza de Nossa Senhora das Dores, da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos, deu o seguinte resultado: Juiza, D. Adelaide Sophia Monteiro de Meira;

Juiz, Domingos Martios Fernandes;

1.º secretario, padre Manoel Ramos;

2.º dito Manoel Pereira Mendes; Thesourreiro, Joaquim da Silva Eugenio;

Procurador, Manoel Augusto Pereira Duarte.

Novas estampilhas

Foi determinado que cessará em 31 de dezembro do anno corrente, a circulação e validade das estampilhas actualmente em uso e que começará a adoptar se em 1.º de janeiro de 1915 o novo padrão.

Sobre as estampilhas destinadas á cobrança da contribuição de juros e imposto sobre especialidades pharmaceuticas será oposta uma sobrecarga, designando o imposto ou contribuição que por meio d'ellas continua a arrecadar-se.

Antigo Pensionato de Sam Nicolau

(QUINTA DO BERINGEL) GUIMARÃES 1892-1914

O Pensionato de Sam Nicolau, sucessor desde 1892 do collegio do mesmo nome, reabre em 15 do proximo outubro, admitindo estudantes de qualquer idade, comtanto que:

- 1.º — Provem com atestado medico que foram vacinados e não soffrem molestia contagiosa;
- 2.º — Que não hajam sido expulsos doutras casas;
- 3.º — Se comprometam, expressa e formalmente, no acto de admissão a cumprir o Regulamento disciplinar.

Esusado será lembrar ás Exc.ªs Familias que este Pensionato está situado no mais belo e higienico local da cidade (entre a rua Padre Antonio Caldas e estrada de Fafe), a poucos minutos do Liceu Nacional, aonde todos os estudantes terão suas aulas, sendo acompanhados lá por pessoas de confiança.

—Que trata bem os seus estudantes com alimentação abundante, sádia e bem cuidada; que vela com interesse pelo seu aproveitamento literario e o promove por todos os meios; que não lhes descursa a educação moral pelo bom exemplo, pelos saos doutrinamentos e por um regimen disciplinar temperado de bom senso, de suavidade e d'energia; e que as Exc.ªs Familias confiando os seus estudantes a esta casa, podem ficar tranquilas, na convicção de que o tempo lhes é metodicamente distribuido entre os seus deveres e as necessárias distrações e de que, em qualquer incómodo, elles sam objecto de prompto e especial cuidado—*at istam vinte e dois anos a confirma-lo.*

As Exc.ªs Familias, pois, que desejem pela primeira vez matricular seus filhos no Liceu de Guimarães, pede-se o obsequio da remessa até ao proximo dia 25:

- 1.º da certidão de idade do estudante, legalmente reconhecida;
- 2.º certidão d'exame do 2.º grau;
- 3.º meia folha de papel selado assinada pelo estudante na ultima linha.

Não sendo para matricula na 1.ª classe, basta atender ao n.º 3.º remetendo tambem o respectivo caderno escolar. Todos os serviços, (não despezas) de matricula no Liceu e cuidados na doença, concede-os esta casa gratuitamente.

Envia quaisquer outros esclarecimentos que as Exc.ªs Familias desejem.

O gerente—P.º MANOEL GOMES.

Setembro, 8—de 1914.

ESTABELECIMENTO

DE

Sementes, arvores de fructos e Mercearia

DE

José Joaquim Vieira de Castro

(ANTIGA CASA SEQUEIRA)

17—Rua de S. Damazo —21

Guimarães

O proprietario d'este estabelecimento participa ao publico que tem sempre á venda as sementes de hortaliça, de flores, etc., etc.

Todas as sementes sahidas d'esta casa são sempre de 1.ª qualidade, colhendo se os melhores resultados possiveis da sua produção, como o provam numerosas pessoas que d'ellas se tem usado, e em cuja escolha ha sempre o maximo cuidado e zelo, mandando-as vir directamente das principaes casas, no genero, de Lisboa e Porto.

Além de muitas outras variedades de sementes encontradas á venda neste estabelecimento, são dignas de menção, pela sua indiscutivel superioridade, as seguintes: Sementes de repollo gigante (as hortas de S. Diniz, coração de boi, pão de assucar, bacalhau Hollanda e da Allemanha, couve saboia, lombarda, murciana, ervilha, fava, rabanete, cenoura, brócolos e couve gallega.

Sementes de mato arnal e molhar, eucalyptos, pinheiros, lodos e rafia para atar vides.

Não havendo na casa qualquer semente que porventura seja procurada, encarrega-se de a mandar vir immediatamente.

As sementes vendidas nesta casa são sempre experimentadas no Horto Vimaranesense antes de se venderem.

Por contracto especial com o horticultor snr. João Vieira Guimarães, encarrega-se da execução de qualquer encomenda: de ar-

vores de fructo de pereira, maçã pecegueiro, damasqueiro, cerejeira, ameixoeira e laranja, ha vendo grande abundancia de fructeiras, especialmente das francezas, etc.

Vende tambem roseiras e flores em vasos, de que presentemente ha grande variedade.

Toma conta da execução de jardins novos e parques, encarregando-se da conservação dos mesmos e dos velhos por preços excessivamente modicos.

Confecciona bouquets e corôas, ramos, ramalhetes e boutoniers.

Encarrega se igualmente da decoração de mezas para jantares e de salas para bailes, para o que ha grande quantidade de plantas ornamentaes.

Agencia da Companhia de Seguros contra fogo «A PORTUGUESE».

Neste antigo e bem acreditado estabelecimento, encontra-se sempre um bom sortido em bacalhau, arroz, assucar e azeite das melhores procedencias; chá, café e vinhos finos engarrados; artigos para flores artificiaes; folhetto para encher colchões; garrações, sabão, carvão de coke, enxofre, sal, etc., etc.

Preferam sempre esta casa, onde serão sempre bem servidos.

A' antiga casa Sequeira

Dão-se todos os esclarecimentos precisos e enviam se encomendas pelo correio.

O Martyr do Golgotha

3 volumes, encadernados num só. Preço, 1\$500 réis; pelo correio 1\$600.

Pedidos á Livraria e Papelaria de Sebastião dos Reis Castro Portugal, em Escariz, Arouca.

Observação: O proprietario desta Livraria offerece, como brinde, um livro brinde, gratuitamente, a quem lh'o pedir e seja freguez.

Theologia Moral Universal

por

PEDRO SOAVINI

Segunda edição portugueza, traduzida e acuradamente revista e anotada sobre a 16.^a e ultima edição latina, por Mgr. José Marques Brito e Cunha, bacharel em theologia, protonotario apostolico de S. Santidade, professor do Seminario de Vizeu, conego capitular da Sé de Vizeu.

A Theologia Moral de Scavini é o tratado de Moral mais completo que se tem publicado no mundo.

Só esta Theologia recebeu louvorés de Pio IX.

Esta edição está absolutamente actualisada e profusamente enriquecida com novissimos decretos.

A obra é impressa em bom papel e consta de 6 grossos volumes, nas dimensões de 22 por 15 c.^m com mais de cinco mil paginas de texto.

Preço da obra, isto é, dos 6 volumes: em brochura, 7\$200 reis e bellamente encadernada custa 9\$000 reis.

Pelo correio, para Portugal e Ilhas, accresce mais 250 reis.

Pelo correio, para o Brazil 1\$200 reis.

Companhia Portugueza Editora

SECÇÃO RELIGIOSA

Rua da Fabrica, 13—Porto

HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

por Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do lyceu Central de Coimbra, Sócio do Instituto da mesma idade, da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Portugueza de Estudos Históricos

Volumes publicados

Tomo I — Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Dinis (1325). Um volume de 800 pág., 2\$500 reis.

Tomo II — Desde a acclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pág., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III — Desde a acclamação de D. Manuel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos.

Tomo IV — Desde a acclamação de D. José I até á proclamação da república (1750-1910). Um volume.

Tomo V — Os acontecimentos no tempo da república. Um volume illustrado com grande número de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 paginas; 250 reis. A cobrança é feita pelo correio por grupos de dois fasciculos depois de distribuidos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Imprensá Académica

157, Rua da Sophia — COIMBBA

Cinco Visitas a Jesus Sacramentado

(Com approvação ecclesiastica)

PREÇO 5 RÉIS

Cathecismo para os parochos

Por Mgr. Manuel Marinho

Preço. 2 volumes 1\$200 rs.

Livros Religiosos

© MEZ DE JUNHO,

por José Agostinho. Approvado e recommendado por D. Antonio, Bispo do Porto

Brochado... 100 rs. Encadernado... 160 rs.

A FÉ RELIGIOSA E O POVO,

por José Agostinho. E' um livrinho de propaganda catholica, com 72 paginas

Preço 40 reis

Pedidos á

Companhia Portugueza Editora

Rua da Fabrica, 13—Porto.

BENJAMIM DE MATTOS

Toural, 105 — Guimarães

Estabelecimento de modas, confecções, malhas, fazendas brancas, perfumarias, papeis pintados para forrar casas, serpentinas, confetti, machinas de costura, bicycletas, motos e seus accessorios.

Especialidade em pannos brancos, bordados, guarnições, echarpes de seda, jerseys, chales, guarda-soes de seda, setim, etc.

Sempre grande sortido em tecidos de lã para luto e guarnições proprias.

A chegar grandes novidades para verão de 1914.

E' a casa que mais sortido tem e que mais barato vende.

Vende tudo mais moderno, melhor e mais barato.

Vendas só a dinheiro. — Não se vende a credito.

Em deposito:—Bicycletas das marcas Derby, Spring, Tagus, E. G. A., Dixi, Meteor, Royal, Radna, etc. e motos Indian, modelos 1914.

Tambem vende bicycletas das marcas Sirius, Premier e Rudge, e motos de diversas marcas.

Sempre bicycletas e motos com pouco uso, que vende por preços baratissimos.

Alugam-se bicycletas, trens e automoveis

Marcenaria Neves & C.^a

RUA DE GIL VICENTE—GUIMARÃES

Grandes officinas e armazens de mobílias e estofos, em todos os estylos, desde o mais luxuoso ao mais modesto.

Tapeçarias, cortinados, oleados para soa-lhos, serviços de louça para lavatorios, baldes, regadores de zinco, e colchoaria em todos os generos.

Mobiliá de ferro, etc.

PHOTOGRAPHIA MODERNA

RUA DE S. DAMASO, 10

GUIMARÃES

N'esta acreditada photographia executam-se com a maior presteza e maxima nitidez, todos os trabalhos photographicos pelos mais modernos processos, como sejam:

Retratos platina, saes de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer photographia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.

Admiraveis retratos reclame, a 400 réis a meia duzia.

Bellas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia duzia.

Postaes photographicos, a 900 réis a duzia.

Ampliações inalteraveis de 50 centimetros, a 1\$500 réis.

Esta photographia possui um excellente material, o que ha de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a maxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encommendas fóra do atelier sem augmento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o unico com quem ninguem póde competir em preços e perfeição.